



Quinzenario Humorístico e Literário

DIRECTOR E EDITOR,
Artur Fernandes de Freitas

ADMINISTRADOR,
Alberto Pimenta Machado

SECRETARIO DA REDACÇÃO—*A. Faria.*

PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A Sentinela»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua de Camões, 55 ☿ Typ. Minerva Vimaranesa

COMPOSTO E IMPRESSO NA

I ANO Guimarães 26 de Novembro de 1916 NUMERO 5

Festejos a S. Nicolau

APESAR dos tempos correrem muito bicudos, as eleições terem sido adiadas, os snrs. fabricantes de calçado (sapateiros) terem o inaudito descaramento de nos pedirem, em voz grossa, sete e oito mil reis por um par de botas, cuja solaria é de casca de carvalho e reles papelão!!! e a cafila dos assambarcadores continuar a encher o celeiro da ganancia, a Academia Vimaranesa resolveu, e muito bem, levar mais uma vez a effeito as popularissimas e sympathicas festas escolasticas em honra do seu patrono o

«... grande Nicolau da Lyola filho amante Das virgens protector, amigo do estudante.» conservando assim uma velha tradicção e honrando aquelles (entre os quaes o snr. José Pina) que, ha vinte e um annos, com o enthusiasmo proprio d'uma risonha e feliz mocidade em flôr, desceram

«..... ás entranhas da tumba Resuscitando a festa a toques de zabumba.»

Ha vinte e um annos!... Lembra-se, snr. reitor do Lyceu?!...

Foi precisamente ha vinte e um annos que vossa excellencia, como verdadeiro entusiasta das festas mais queridas da nossa terra, todo ancho, todo concho do seu papel de *princez*, se deixou cahir do *fogoso* e *teimoso* ginete, um bello e magnifico alazão do mais *pur sang*... das Pedras Alveiras!

E tão desastrado foi o inesperado bofeu, que tencionando vossa excellencia metter a lança em *Africa*, a foi espichar no orgão do olfacto do pobre e esfarrapado escudeiro, que tão *fielmente* lhe conduzia a sacola das interessantes e coradinhas maçãs!...

Sim, foi a seis de dezembro, de mil oito centos e noventa e cinco, que vossa excellencia bateu com o rico corpinho, ali, na calcetaria da já mal calcetada rua do epico immortal—o fallecido Luiz de Camões! Esse Camões que, depois de ter canta-

do a sua Patria, como nenhum outro ainda o fizera, morreu ao triste e imperdoravel abandono *neste jardim da Europa á beira mar plantado!*

Mas deixemos o infeliz amante de Catharina de Athaide, e continuemos, se vossas excellencias nos dão licença.

Ha vinte e um annos!...

Como passa tão depressa o tempo!...

Como já vae longe o tempo das nossas illusões, das nossas loucas phantasias!...

Como o tempo foje!...

E como fugiremos nós tambem, meus senhores, se os estudantes não cumprirem *á risca* todo o programma da tão interessante e sempre almejada **Festa Nicolina!**...

Sim, meus meninos! Não nos venhaes ver com *fraguementos*...

Ou tudo ou nada!...

A respeito de *parodias* temos conversado...

Ou cumpris *fielmente* o programma que o «Estatuto» ordena

Camisas e gravatas—Casa Elegante

Antiga Chapelaria Martins

e manda, ou então é bem melhor não fazeres coisa nenhuma!

E' preferivel, acreditaes.

Mas nós temos confiança na briosa academia, que saberá fazer uma festa condigna dentro dos limites... *da concórdia.*

E ao seu presidente, o snr. Armenio Caldas, pedimos e rogamos, com o mais subido dos empenhos, que lembre aos seus distinctos companheiros os inspirados versos, que tantas e tantas vezes ouvimos dos labios amigos de seu tio, o nosso querido e sempre saudoso **BRÁULIO**:

Nicolau!

«Tu és maior no ceu que o grande thaumaturgo

«Na terra muito mais (aqui no nosso burgo).

«Por isso é muito amado, em nós tens um secretario,

«Havemos de fazer-te, em breve, um cenionario.

Sim, rapazes!...

Cumpri a promessa que ao desventurado Poeta não foi dado cumprir.

Um maldizente: Cada tolo com sua mania...

Um colibri das fabricas do linho:

Cale-se seu burro;... deixe fallar aquelle senhor que falla muito bem...

A festa dos estudantes é uma tradiçãõ que deve ser respeitada por todos que amam a sua terra. Esta terra que dentro em breve vae ter um magestoso = *Domus Municipalis* =, um grandioso parque em volta do Castello e um relógio luminoso, ali á preta, no largo do Toural! Esta linda terra, esta boa madrasta, enfim, onde a vil intriga floresce, a má lingua viceja e os piscos trinam, por entre *frondosas frondes*, suavissimas canções de amor ás queridas dulcinéas que lhes dispensam caricias, quando juntinhos segredos segredam!

O maldizente: 'Stá boa rapariga!... Fia-te em cantigas e espera lhe pela volta!...

Ouve-se ao longe uma canção doente:

Troquei a capa e batina
Pelo «habito» do convento,
Ao dar-me a *formiga branca*
Nas botas de polimento...

Aqui na minha clausura,
No meio deste barulho,
Passo agora a vida minha
A recordar com ternura,
AS PAPAS DE SERRABULHO
No *grande hotel do Terrinha.*

E a saborosa AGUA D'UNTO,
Ao findar da DEVOÇÃO,
Em casa da *Rosa Velha*
No ALTO DA CONCEIÇÃO.

NICOLAU! meu santo amigo!
Jámais volto á festa tua,
Porque a *freirinha clarice*,
De noite não sae a rua...

Chorae rapazes, chorae,
A' vossa festa não vou;
Já não tenho maçaneta
Meu ZAMBUBA arreventou!...
Nicolau voltou as costas!
Aquem tanto o adorou!...

Numa apothéosa de luz diamantina vê-se a figura harmonica e proporcionadamente rolica do reverendo Gaspar da Costa Roriz, trajando a classica camisola e carapuça, e exclamando com o enthusiasmo d'um verdadeiro nicolino:

«Vinde paes e vindes mães
«Ver isto que não é mau;
«Vinde ver a Guimarães
«As festas de Nicolau.

Apparece o panno branco e o publico retira-se delicadamente... aos empurrões.

UM MORIBUNDO NICOLINO.

Bráulio Caldas

O nosso proximo numero, que sahirá em 6 de Dezembro,—dia de S. Nicolau—será todo consagrado á santa memoria de Bráulio Caldas.

A fio de espada

Com o titulo **E' bom dizel-o**, disse ha tempos, em pequena local, «O de Aveiro»:

«Eu nunca vi em França, e estive lá uns poucos d'annos, um official do exercito ou um sargento, deixar de corresponder á continencia d'um soldado.

Isso irrita. Isso vexa. Isso offende.

Fermenta a indisciplina.

Fere a solidariedade.

E no meu tempo era absolutamente condemnado pelos regulamentos militares».

Percebe-se!

Pois se é bom dizel-o, nós achamos conveniente repetil-o.

Diz-se que logo que o tempo melhore, os senhores Affonso Costa e collega Mattos, voarão em *excellentes* aeroplanos ás alturas olympicas do espaço, e alguem affirma, que se a sede das descobertas os empolgar, irão alto, muito alto, atravessarão cordilheiras de nuvens, rasgarão o panno azul do firmamento, e a conquista da lua será em breve um factõ consummado.

E depois os lunaticos, boqueabertos:

—Ah!...

E elles, inchados:

—E' p'ra que conste.

Que subam e desçam na graça de Deus, é o que todos os Portuguezes estimam.

Amen.

Doidejavas tu na valsa;
«Que perola!» disse alguem...
E eu cá concordei tambem:
«Sim, que perola, mas... falsa!»

Esse luxo, essa prôa
Com que deslumbras a gente,
Custou-te provavelmente
Um mez a sardinha e brôa.

Andas-me todo jagodes
Atraz das moças, brejeiro...
E o trabalho do barbeiro
Que te remoça os bigodes?!

(Da G. da F.)

As senhoras devem trajar de preferença os vestidos «Genero Tailleur». São os mais elegantes, os que ficam sempre mais bonitos, e sobretudo muito mais economicos. O «Alfaiate» vai a casa tirar medidas e levar os figurinhos. — Azevedo—Tailleur da Avenida—GUIMARÃES.

Na «Milaneza»

Na noite desse sabado, a loja abarrotava de freguezes.

Um sapateiro discutia com um lavrador sobre a melhor forma de solucionar a crise das subsistencias, emquanto o Snr. Machado explicava ao Dr. Raimundo a maneira mais segura de plantar batatas.

V. Ex.^{as}, minhas senhoras, que não tem o mau costume de ir ao barbeiro, ignoram que é nestes estabelecimentos que se reúnem os campeões da má lingua para *cortarem a casaca* de quem lhes viêr á mente.

Porem, a barbearia que me fornece assunto para estas crónicas, é, muito ao contrario das suas congéneres, uma escola parlamentar onde se derimem todas as questões sociais e financeiras com uma eloquência, que causaria inveja ao proprio Demóstenes.

Quem quer que seja ali freguez durante um ano, pode concorrer a um logar de *Pai da Patria* sem receio de mal ganhar os 3:333 da tabela.

Na noite desse sabado, como dizia, a loja abarrotava de freguezes.

Entre êles, apesar da sua pequena estatura, destacava-se um homem morêno, lendo, com a ajuda de uns oculos de grossas lentes, o programa do *Chantecler*, unigo impresso que havia sobre a meza.

Chegada a sua vez, tomou assento na carateristica cadeira de braços, emquanto o mestre, retirando do gavetão do lavatório, uma toalha lavada, murmurava: —Estas barbas espessas são a desgraça das navalhas...

Principiara a *função*.

Lia-se na cara do mestre que o serviço não lhe corria á medida dos seus desejos. Ora ensaboava a cara do cliente, ora empunhava o assentador para friccionar nêle, com furia, a desgraçada navalha.

Por fim, terminada a operação, emquanto o mestre limpava o suor que lhe borbullava na testa, o desconhecido tira do bolso interior do casaco a sua carteira de *chagrain* e, pegando numa nota de cinco mil reis, entrega-a ao mestre.

—Oh Francisco, chegue trocar esta nota ali ao meu cunhado, para dar a demasia a este cavalheiro, ordenou o mestre, escovando o fato ao freguez.

—Não. Faça o favor de não mandar trocar, acudiu o misterioso desconhecido, com um sorriso enigmatico nos labios.

Guarde esse dinheiro como prémio da novidade que me proporcionou.

E, como o mestre ficasse atônito ajuntou:

—Tenho viajado muito, meu amigo, e em todas as minhas viagens, quer pela encantadora Itália, quer pela laboriosa Belgica, quer pela fria Inglaterra, sempre encontrei, em todos os officios, quem me levasse *couro e cabelo*.

Só nesta formosa terra, só no seu belo estabelecimento, só na sua *esbelta* pessoa eu vim encontrar quem me levasse *couro e me deixasse cabelo!*

Toque; aperte estes ossos, que são os de um amigo... que nunca mais torna a vêr...

O mestre, que não percebera nada deste arrazoado, acompanhou á porta o generoso freguez, não se cansando de agradecer:

—Muito agradecido ao Snr. Barão... Snr. conde, ás ordens de V. Ex.^{as}...

E já o desconhecido dobrava a esquina do Snr. Camilo e ainda o mestre gritava cá do porta:

—Snr. marquez, que muito bem passe a noite...

PIR AMBULA.

?!...

Quem será o estudante Albin Bastos que serve de ponto na recita do 1.^o de Dezembro?!...

Plebiscito de "A Sentinela,"

(a concurso)

O QUE É A SAUDADE?

RESPOSTAS

VII

O que é a Saudade, perguntai vós?

Ah! Quem me dera não saber responder-vos!

Quem me dera ignorar que a Saudade é este desejo, que me estala o peito, de beijar meus pais, de a vêr a *Ela*, de vos abraçar a vós...

Que é esta dôr, que me torna misántropo, que me faz fugir para a minha trapeira donde, em noites de verão, eu fito as estrelas procurando entre elas as que eu via daí, quando pequenino...

Que é este sentimento, que me empolga o ser, que, neste turbilhão de estranhos, me lembra a pacatez da minha terra, de que estou tão longe, tão longe...

O que é a Saudade?!

Como essa pergunta veio ferir a corda mais sensível do coração mais alanceado por elal...

FAMA.

VIII

SAUDADE

Olhos no ceu... Suspiros... Orações... E tudo encerra, em nós, rigor funéreo Sem um goso que seja o refrigerio Da Saudade—essa dôr dos corações!

E' o fim do dia — crêpes e mysterio — Sem a luz matinal, toda em festões, N'um soluço a echoar, com devoções, N'algun Peito, no Lar, no Cemiterio...!

N'este jardim a que se chama a Vida Todos colhem saudades na dorida Entrada dos portões da Soledade!

'te'quando lembro um lacrimoso Adeus, Recordo, a suspirar, os labios teus... E suspirando, assim vivo em Saudade!

Coimbra, 15/11/916

JOSÉ LUIZ DE CALDAS.

Camisolas e ceroulas, meias, ligas e suspensorios

O mais completo sortido

CASA ELEGANTE

IX

Saudades quem as não tem
N'esta vida de illusões!
Saudades são amarguras
Que brotam dos corações!

Só.

(Continua).

N. da R.

O brinde a conferir ao premiado
deste concurso, constará d'um lindo es-
tojo de prata com uma penna, sinete e
uma faca de cortar papel.

Da minha quizenza...

Brevemente um *Pára-Raios*,
Aqui, será colocado;
Estou ansioso por vê-te,
Pois não sei se vens mudado...

Pára-Raios, Pára-Raios,
Já tenho saudades tuas;
Eu quero ver este gigante,
A passear pelas ruas.

Quem me dera uma gaivota,
Pombas e pêtos e gaios;
Quem me dera ter um sino,
Uma torre e *Pára-Raios*.

*

Anda a luz cá da cidade
Pelo visto, ultimamente,
A brincar, de vez enquando,
Metendo sustos á gente.

Se brilha, se está acesa,
Em breve fica apagada;
Pelas velas e cantos
Pode alguém dar a facada.

Anda a luz sempre a tremer,
Fugindo do lampião;
Átrapalha um cavalheiro,
Prejudica um cidadão.

Registamos desgostosos,
Aqui, a luz *jordiana*;
E é caso para dizermos
Que esta luz é de uma cana!

Oh luz de raios brilhantes,
Luz que dinheiro nos levas;
Não jagues a capoeira
E brilha que estamos em trevas!

Não brinques connosco mais,
Oh luz branca e luzidia!
Faz-te forte e bem energica,
Mais forte que a luz do dia!

Para cegos já nós somos
Andamos na escuridão;
A' nossa rua quem dera
Ter acceso o lampião...

*

—Quem quizer bom gardasol
Coisa que não dispensava,
Vá á rua da Republica,
A casa chamada *Ava*.

ZÉ NINGUEM.

—P. S.

Soubemos agora mesmo
Entre choques e desmaios
Que já não vem para cá,
O tal senhor *Pára-Raios*.

Z. N.

«Orfeon Famalicense»

No dia 8 do proximo mez de
Dezembro visitará esta cidade o
distinto *Orfeon Famalicense*, e
o grupo scenico que lhe está ane-
xo, realisando á noite uma recita
no Teatro D. Afonso Henriques.

Consta-nos que um grupo de
Vimaranenses, lhes prepara uma
afectuosa recepção.

Atendendo aos optimos ele-
mentos de que se compõe o re-
ferido orfeon, é de esperar uma
casa á cunha.

Alerta!...

«A Sentinela» previne
os seus estimados assinantes
que na proxima semana irá
receber o *pret* de seis quinze-
nas de serviço, ou sejam ape-

nas 12 centavos cá no burgo
e 16 ditos nas regiões d'alem
barreiras.

Espera portanto, que nin-
guem se negue a satisfazer
prontamente tamanha ridicu-
laria, para que assim possa
continuar a bradar ás armas
de quinze em quinze dias.

Se assim fôr
«A Sentinela», jura e jurará
Que ao *pret* e ao rancho
nunca faltará.

Três de cada vez

Compatibilidade de gostos.
Elle:—Eu gosto muito de si.
Ella:—Como os nossos gostos
concordam!

Elle:—Porque? Tambem gosta
de mim?

Ella:—Oh! não! Gosto, tam-
bem, muito de mim!

*

Numa *soirée* dansante, um ra-
paz alto e extremante magro,
convida para dansar uma senhora
de estatura baixa e excessiva-
mente gorda á quem acaba de
ser apresentado.

—O que vae tocar, agora?—
pergunta o rapaz ao snr. Guise,
que era quem estava ao piano.

—Uma polka para flauta e
bombo.

*

Na «Pharmacia Normal»:

—Tem camphora?

—Tenho, sim, senhor.

—Pois, então, conserve-a bem
tapada para ella se não evaporar!

«A Sentinela» encontra-
se á venda, no Kiosque do
snr. Torçato Gonçalves, ao
Passeio da Independência.

De que é que as senhoras gostam mais? Do aprumo, da elegancia e do bom gosto, e que
o seu galanteador vista de preferencia no «Tailleur da Avenida».

Azevedo — Tailleur da Avenida — GUIMARÃES

EM FOCO



Olhares ternos virginaes
De luz intensa e plena,
Sorrisos de madrigaes
Só os possui Magdalena.



—João de Freitas.

De lindos traços onde realça gentil
cintura de anel, eis a nossa distincta per-
filada de hoje, como verdadeiro exemplar
da mulher bondosa, de alma grande feita
de luz, nobreza e castidade...

A sua alegria de lédo rouxinol cantando
na balseira, pelo silencio da noite, em que
a lua de prata espalha sobre a terra uma
luz doce e bemdita, e as aureas maviosida-
dades da sua argentina voz de philomela,
são, sem duvida, predicados que muito a
caracterisam.

Esbelta e elegante, com o seu fino trato
e as suas maneiras airozas, prende facil-
mente qualquer coração abandonado ás
sublimes doçuras do amor.

Os seus lindos olhos, muito vivos e esper-
tos, tremeluzem como as aguas d'um mar
sereno, n'uma encantadora e amena tarde
de estio.

Os meigos sorrisos que constantemente
se esbanjam dos seus pequeninos la-
bios de coral, tem a grandeza da bondade
e o resplendor da melhor sinceridade
d'alma.

O cabelo d'um castanho escuro, espra-
iando-se em doces volupias sobre aquelle
rosto puro de setim, animado por uns
olhos seductores muito brilhantes, possui
o fulgor resplandacente d'uma auréola...

Quem poderá pois, resistir áquelles
olhares tão ternos, tão meigos, tão affaveis,
e áquelles sorrisos cheios de carinho e
meiguice? Por certo que o coração mais
mesquinho, a alma mais perversa e o pen-
samento mais alucinado, não deixarão de
sentir a mais leve sensibilidade, perante
aquelles suaves requebros que, n'um efluvio
de prazer, se espalham em borbotões de
candura.

SEGREDO.

Talvez que o nosso presado e amigo
leitor ao ler este nome, o confunda com o
de um outro, escripto com as mesmíssimas
letras, inditoso cavalheiro assassinado pe-
las balas do 14 Maio. Mas não. João de Freit-
tas, o nosso perfilado, ainda faz parte do
numero dos vivos, pois á hora em que tra-
çamos estas poucas linhas, o telegrafo não
nos participa um triste acontecimento.
João de Freitas, felizmente, ainda vive,
e encontra-se, na actualidade, na terra
das frigdeiras, na cidade de Longuinhos.
E já que falamos em frigdeiras, recomen-
damos ao perfilado illustre que não se
esqueça de nós.

—Para o Natal (se cá não vieres mais
cedo) traz-nos meia dúzia delas; não te
esqueças.

Mas, continuando: João de Freitas não
é o deputado desaparecido; é um mancebo
instruído, estudante de merecimento, que
mais tarde promete ser um pae da Patria
e um acerrimo defensor das... batatas.
João de Freitas é o simpatico irmão de
Artur cum Freitas, morador na estreita
Porta da Vila, no estabelecimento de camisa-
ria e linhos, perfumes e botões, colarinhos e...
diversas coisas mais.

João de Freitas é um moço de dezase-
te años, que estuda mathematicas e scien-
cias, como poucos; é um rapaz brioso e
aplicado, que só honra e engrandece o
nome respeitavel de seu pae e demais fa-
milia; finalmente: João de Freitas é por
tudo merecedor de ser registado, nas co-
lunas da Sentinela.

Por isso, João, um apertado abraço
do teu muito amigo, grato e sempre ás
tuas ordens, ao teu dispor, etc., etc.,

OSCAR DINIZ.

LITERATURA D'ALDEIA

Na despedida

E' possibile, ó Angelca, que manzente
Do teu samblante belo e pélingrino?!
Possible que nos probes o destino
Frabique sempre mal mais viamente?!

Coitado do Manel, que, descontente,
Teu rosto num verá mais de continuo!
Ai! eu acaijo, acaijo que me fino,
Q'quando n'isto considro attentamente.

Atólico me tem esta partida;
E julgo que num vivo esquereleto
Me tornará da auzencia a dor crescida.

Mas indas que me dê o triste subjecto
De penas uma mániqa regida,
A vida perderei nanja o affecto.

MOCACYL.

Nas trevas!...

Amigo e caro collega Tirteu

Li e reli com a maior attenção
as suas considerações ácerca do
meu artigo *Recordando...*, pu-
blicado ultimamente nas columnas
deste quinzenario, e tenho a di-
zer-lhe com toda a franquesa e
lealdade:—não entendo absoluta-
mente nada do que o amigo quer
dizer; não sei mesmo onde quer
chegar com todo aquelle pala-
vreado—*Paraiso, Infernos, Insu-
la, rio, bosque...* etc.

Naturalmente o caro collega
estava envolvido no mais profun-
do sonho de todas essas phanta-
sias e ao despertar d'essa terrivel
apathia, lembrou-se reproduzir o
passado, n'aquelle mysterioso arti-
guinho, que me veio causar não
uma simples admiração mas sim
um verdadeiro espanto, deixando-
me ao mesmo tempo envolvido
nas mais profundas trevas.

Com certeza aos amaveis leito-
res deste humoristico quinzenario,
aconteceu lhes o mesmo. Pois
leiam com attenção o meu mo-
desto artigo, publicado no n.º 3

GUARDA-CHUVAS E BENGALAS, o melhor sortido

CASA ELEGANTE

CHAPELARIA MARTINS

e leiam depois o do meu caro collega e amigo Tirteu, e qual a conclusão que tiram d'ahi? Naturalmente a mesma que eu tirei, ou seja—nenhuma.

Por isso meu caro Tirteu; conversemos um pouco não só para que, por meio dumas ligeiras palavras, se venha a desvendar esse famoso *mysterio* do seu extenso artigo, mas tambem para que os amaveis leitores de «A Sentinela» fiquem ao menos com umas *luzinhas* do que se passa.

Ora diga-me cá, mas muito em segredo:—Onde quer o amigo chegar com aquella longa historia... da *carochinha*? A que proposito veem todas aquellas considerações? Com que fim se lembrou recordar o passado?

—!...

—Vá; desembuche. Diga alguma coisa, embora para isso tenha de voltar novamente ao sophisma e á illusão.

Mas... voltando ao seu artiguinho, logo no começo diz o meu caro collega que *nas minhas recordações tão chorosas como insulares encontra toda a semelhança com o mesmo Paraíso que, faz agora precisamente um anno conheceu com o nome de Os Infernos.*

Pois o amigo conheceu-me com um nome tão feio?—*Os Infernos!*

Que me diz?! Cruzes!!!

Eu, francamente, desconheço por completo esse nefasto pseudonimo.

Mas pense bem; medite profundamente. Olhe que talvez se engane.

Então?...

Não há que vêr, o amigo estava indubitavelmente envolvido no sonho, quando depois se propoz lançar sobre mim aquellas despropositadas *piadinhas*.

O titulo do seu artigo parece mesmo indical-o:—*Recordação*—; pois não é mais nem menos que a recordação do tal sonho *mysterioso*.

Guimarães. 1916.

SEGREDO.

“O sonho d'um Operario,”

E' este o titulo da maravilhosa comedia-drama em 3 actos e 2 quadros, que o Grupo Scenico da Juventude Catolica, d'esta cidade, levará á scena no Teatro D. Afonso Henriques no proximo mez de Dezembro.

O autor desta formosissima peça teatral, é o nosso dedicado patricio Ex.^{mo} Snr. Padre Gaspar da Costa Roriz, que toda a cidade de Guimarães muito bem conhece pelos seus elevados dotes de intelligencia e como um dos mais brilhantes ornamentos da tribuna sagrada.

Basta citar o nome do seu autor para se avaliar o quão deslumbrante será a referida peça, ornada de lindissimos numeros de musica.

Luxuoso guarda-roupa!

Vistosa encenação!

Efeito surprehendente!

Vida Acadêmica

O Foot-ball

Ha grande entusiasmo para assistir ao desafio de *Foot-ball*, que brevemente se vae tramar entre os alunos do Internato Municipal e a da Escola Academica.

*
O «pinheiro», mastro annunciador das festas, dá entrada na cidade, na próxima quarta-feira, pelas 9 horas da noite, e é como costuma ser todos os annos, generosamente cedido pelo nosso respeitavel conterraneo snr. José Martins d'Aldão.

*
Consta-nos, á ultima hora, que não haverá nem «cortejo das maçãs» nem as interessantes danças.

A ser verdade, o que não cremos, deixam os estudantes de realisar dois dos numeros mais distinctos do programma.

As festas, meninos, não se re-

duzem só á zabumbada.

Porque não fazem a entrega das maçãs ás damas e sahem para a rua com as danças?

Não teem dinheiro?

Então é melhor não fazerem coisa nenhuma.

Para que vem o «pinheiro»?

Para annunciar que os estudantes tocam bombo e caixa?

Oh! filhos! Isso tambem tocam os da Lapinha quando trazem a *Senhora á villa* e os lavradores para annunciar as novenas do Menino.

E a estes ninguem os excede no rufo principalmente aos de Pencillo ou ali aos da Costa, que se agarram á maçaneta ao pôr do sol e só terminam a altas horas da madrugada!

Issò é que elles tocam!...

Ai Jesus!... Que dôres de cabeça!...

Porque não cumpris todo o programma?

Vá, sr. Clemente José d'Abreu, mostre que tem peito e puche pelos cordões á bolsa.

Ande, vamos!

Para que acceitou o logar de presidente da commissão dos festejos?

Não foi para fazer as festas nicolinias?

Então faça, menino.

Faça se quizer receber um abraço e os applausos d'uma terra inteira.

1.º de Dezembro

Os academicos resolveram festejar a gloriosa data do 1.º de Dezembro de 1640 com um espectáculo no Theatro D. Affonso Henriques.

A casa já está toda passada, o que não admira, attendendo ao sympathico fim a que se destina o producto da recita e ser promovida por estudantes

O programma já foi largamente distribuido.

O programma?!...

Que belleza!... Que bombastico!...

Até dá vontade de uma pessoa lhe dizer assim:

Ai Vianna, Vianna,
Quem te atirára dois tiros,
Co'uma pistola de cana
Carregada de suspiros!...

Até parece impossível como os tres ultimos retratados se prestaram áquella sorte!...

Parecem cantores de companhia lyrica ou opera buffa!...

Pois não é verdade?

Mas para que foi aquella fta?

Para fazerem fegura, ou para serem agradaveis ao presidente do scenico?!

Os rapazes!... Os rapazes são o diabo!...

Que sejam muito felizes e colham muitas palmas é sincero desejo nosso.

Ridendo corrigo mores

La dar duas linhas sobre a guerra (porque já sou tambem dos apurados!), escrever a favor da Inglaterra á seuhora dos... barcos afundados;

Dar carga de fuzil e baioneta sobre uns gajos manhosos como a ténia, pedir a outros que uzem menos treta e cantem "de profundis," á Roménia,

Quando o jornal, agora chegadinho, conta um caso fantastico, fresquinho, vejam lá!... que me fez perder a mão!

Diz que um tropa, parece que francez vive a comer, a rir, cantar talvez co'uma bala a dormir no coração!

ADOLFO FOSCÔA.

Chapelaria Progresso

Reabriu ultimamente a conhecida e antiquissima Chapelaria Progresso.

Tem lindos modelos de esplendida qualidade e promete vender por preços convidativos.

A Chapelaria Progresso reabriu na mesma casa, no Largo do Toural.

Abraçamos o velho amigo Lemos Chapeleiro e desejamos-lhe que faça bom negocio.

Para amigos... mãos rotas!

Ao illustrissimo Alberto Freitas Pimenta Machado
Meu cartão de cumprimentos,
Mais um X muito apertado;

E ao senhor Eduardo Passos,
'Screvente da «Sentinela»,
Um aperto prolongado
Que lhe parta uma costela.

O primeiro fez vinte anos,
Na passada terça-feira;
E o segundo vinte e um,
No domingo. Forte asneira!

Fazer anos já o disse
O ano passado, a alguém:
E' a mais uma tolice
Das muitas que a gente tem!

OSCAR DINIS.

P. S. Deitei esta noticiásinha ao jornal; porem, tanto o primeiro como o segundo, nos celebres dias dos seus aniversarios, nem um pirolito me ofereceram. Ingratos!

Uma perda nacional!!!

Consta-nos que vae em breve abandonar a vida literaria, o nosso presadissimo amigo e illustre colaborador Snr. Alfredo José de Souza Felix Pinto e Lemos Ferreira Flores, sem duvida a alma mater dos escriptores do seculo XX.

Lamentamos devéras tal resolução, pois que, com ela, muito virá a sofrer a literatura do nosso querido e amado Portugal, pela falta irreparavel d'uma tão brilhante penna, que, dentro em

pouco, veremos quebrada e lançada ao esquecimento das letras.

Mas, qual será a razão que leva este nosso inolvidavel amigo a dar tão desastrado passo?!

Será tambem por causa dos submarinos?!

Ignoramos.

No entanto, nós que muito desejariamos o progresso e engrandecimento da literatura portugueza, apenas lembramos áquelle *distinto escritor*, que levando a cabo o seu intento, dar-se-ha indubitavelmente uma perda nacional que muito virá concorrer para a crise literaria.

Esperamos, portanto, que Sua Ex.^a o Snr. Pinto e Lemos Ferreira Flores, desista do seu proposito, evitando assim semelhante crise.

O' da guarda!

Agora já não é só a manteiga a ser falsificada.

E' tambem o calçado.

Brevemente falaremos.

Não perdem com a demora.

Não perdem, não.

AO SNR. CORRESPONDENTE D'A ORDEM

Este snr. continua a fingir que não nos percebe, o que para nós *c'este la même chose*, como elle diz quando deita *franciú*.

Pedimos lhe, todavia, um pequenino favor:

Ser mais conciso e mais preciso (preciso é o mesmo que attico...) para a nossa resposta lhe agradar...

Serão annunciados gratuitamente todos os exemplares que nos forem oferecidos.

O melhor calçado é o da Sapataria Elegante

Conferia-se e faz-se por medida

Passeio da Independencia—Guimarães

SECÇÃO LITERARIA

Interrogações

Minha Saudosa Amiguinha M. O. L.

Ofegante, sob a pressão de mil baguinhos de suor acabo de chegar mesmo agora ao cume de «S. Miguel o Anjo», a esta crista rochosa tão predilecta dos meus lebeus como angustiosa para mim.

Quando sinto falta de ar no peito, quando em milhares de voltas não encontro consolação para o mal que me aflige e cança numa densa atmosfera de pensamentos cada vez mais asperos, subo... assobio e subo até ver Guimarães.

O que procuro ver é o mesmo que eu não quero ver!

Vou buscar o remedio para o mal ao proprio mal!...

Hoje não resisto á escripta destas linhas que são Suas como todas, embora raras, pronunciadas numa saudação ao outomno dos doentes, como um hino ás folhas secas que reluzem ao sol, levadas pelo vento feitas farrapos de oiro para o azul marinho do espaço tam limpo. Essas folhas de alamoguais palmas de triumpho, que ora vejo despegarem-se numa carreira louca, ás cambalhotas, fazem-me mal: trazem-me á memoria essas juras que, pagas a beijos, se assimilam, se reduzem, se desfazem e perdem nos barrancos da vida.

E que linda tarde! Que tarde de interrogações encostado á capelinha cheia de musgo que me recorda a capelinha do poeta da *Morgadinha* que Julio Diniz de-

Ballada da Perdição

(Ao meu amigo snr. Antonto Pereira de Campos)

«Amei... fui pura... em mim senti viver a castidade santa e delicada... Mas eis que um dia me deixei vencer e a honra vi cahir aniquilada.

Prostitui-me... e tão baixo desci em vicios e orgias bestiaes, que de tudo o que amei e estremeci só misérias encontro e nada mais...

Momentos de prazer, d'aspirações, e sonhos, e chimēras e illusões... tudo passou p'ra nunca mais voltar!

Que vale agora a vida? Que sou eu? Imagem d'um amor que feneceu... Sombra d'tma mulher que quiz amar...»

Guimarães, 1916.

P.

sanima da vida mas anima a amar eternamente!

Só a minha boa Amiguinha poderá comprehender o magnetismo que me arrastou á contemplação sobre estes penhascos de granito duro como o Seu coração, galhento como a saudade, frio como o meu peito!

Não comprehendeu ainda? Não o sente? Não o adivinhará tambem?

Ficará, então, na eterna ignorancia que é a parcela mais activa da innocencia...

Accenderam-se as luzes na cidade. Vejo o arfar crepitante, ahí tam longe, da electricidade e sobre mim, como interruptores abertos um a um augmentam a luz das estrelas. Adeus.

Novembro—1916.

AMÁRO.

UM BEIJO

Se um beijo cheio d'amor
D'esses puros labios teus,
Viesses poisar nos meus
Com affecto e muito ardor;

Se sentisse esse calor
Com meiguice, com doçura,
De teus labios de candura,
Unir-se aos meus com fervor,

Meu coração tão dolente,
Viveria, de contente,
Sempre immerso no prazer.

Se brotasse com arpejo
D'esses teus labios um beijo,
Cessaria o meu soffrer.

Guimarães, 1916.

A. F.